
LITERATURA E AUTORITARISMO – A OPRESSÃO NA FICCIONALIZAÇÃO DA HISTÓRIA

O número 25 da revista eletrônica *Literatura e Autoritarismo* discute o sentido da opressão em obras literárias e outras expressões culturais que tematizam momentos históricos. Assim, os textos que compõem esta edição procuram evidenciar como os mecanismos que oprimem determinados grupos e que atuam de diversas formas nas nossas práticas sociais são ficcionalizados na literatura. Nesse sentido, pensando nas estruturas opressoras que se estabeleceram ao longo da História na sociedade, convém lembrar uma reflexão do escritor mexicano Octavio Paz, que recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1990. Em sua reconhecida obra *O arco e a lira*, o autor dedica um capítulo às relações entre “Poesia e História”, em que se lê que “A palavra poética é histórica em dois sentidos complementares, inseparáveis e contraditórios: no sentido de constituir um produto social e no de ser uma condição prévia à existência de toda sociedade.” (PAZ, 2012, p. 192) Da mesma forma, a premissa de que as relações entre os textos literários e seus contextos sociohistóricos são inseparáveis embasa os artigos desta edição.

Helano Jader Cavalcante Ribeiro reflete sobre o conceito de arquivo e sua destruição no artigo intitulado **O APAGAMENTO DO CORPO-ARQUIVO**, em que a discussão teórica é perpassada, principalmente, pelo pensamento de Didi-Huberman e Jacques Derrida. Baseando sua reflexão no período histórico do nacional-socialismo que culminou com a Segunda Guerra Mundial, Ribeiro afirma que “Os nazistas estavam certos de que tornariam invisíveis os judeus e todo o massacre. Os campos foram laboratórios não somente de controle e morte, mas também de desaparecimento generalizada.”

Também refletindo sobre o contexto cultural europeu, **Dionei Mathias** analisa a obra da autora austríaca Elfriede Jelinek no artigo intitulado **O CRIVO DA CULTURA EM DIE AUSGESPERRTEN**, que “discute a questão do ódio em diferentes estratos sociais e as formas como essa emoção é articulada no contexto social”. Mathias percebe, nos protagonistas do romance analisado, um “excesso emocional não compreendido” que traz consequências negativas, até

mesmo trágicas aos personagens.

João Luis Pereira Ourique e **Marco Vinício Pereira do Espírito Santo** abordam o mito no artigo intitulado **SÍSIFO E A PERCEPÇÃO DA REALIDADE TRÁGICA PELA SENSIBILIDADE ABSURDA**. Partindo de uma abordagem interdisciplinar da literatura, filosofia e história, os autores pretendem “explorar as causas que convidam a humanidade à reflexão de sua condição no mundo”, dedicando atenção especial à obra *O mito de Sísifo*, de Albert Camus. As reflexões dos filósofos Soren Kierkegaard, Friedrich Nietzsche, Walter Benjamin e Theodor Adorno embasam as análises.

Mariana Costa Nascimento e **Geiva Carolina Calsa**, no artigo intitulado **PENSAMENTO CENTRADO DA MAIORIA NÔMICA EM FAHRENHEIT 451: CONCEITOS DE PIAGET E MOSCOVICI NA OBRA DE RAY BRADBURY**, tomam como base “a história de uma cidade em que os livros eram proibidos e como consequência queimados pelos bombeiros que executavam exclusivamente esse ofício” para elaborar uma “articulação entre os autores”, uma vez que a obra *Fahrenheit 451* “aborda aspectos psicossociais, pertinentes ao desenvolvimento individual e a relação dos grupos sociais formados pelos personagens da literatura”.

UM JOGO DE RELAÇÕES: OS DEPENDENTES NA OBRA AS VISITAS DO DR. VALDEZ é o título do artigo de **Luis Fernando Tosta Barbato** e **Vinicius Nunes Veiga** que analisa as relações de dependência na obra do escritor português, radicado em Moçambique, João Paulo Borges Coelho. Partindo de suas próprias reflexões, Barbato e Veiga consideram “a servidão como caráter hereditário da sociedade”, concentrando-se nos “desafios de um país que saía de um passado colonial, marcado pela dependência em relação a Portugal, e se projetava como um país livre, em busca de sua própria identidade.”

Enfocando a cultura brasileira, **Rodolfo Rorato Londero** aborda a censura de romances pornográficos durante a última ditadura civil-militar no Brasil em seu texto **CAÇADORES CANIBAIS E CABEÇAS PERIGOSAS: A CENSURA E O MERCADO DE LITERATURA PORNOGRÁFICA NO REGIME DE 64**. Tomando como exemplo as obras de Adelaide Carraro e Cassandra

Rios, Londero procura refletir sobre “o papel da censura nas estratégias do mercado editorial, na formação de circuitos populares e paralelos de leitura e na constituição do público leitor”.

O artigo de **Amanda Dorr** e **Eunice Piazza Gai**, intitulado **ESTUDO DO CONTO OS CAÇADORES DE CAPIBARAS, DE AUGUSTO ROA BASTOS**, realiza “um apanhado da vida e da obra do autor evidenciando sua importância na literatura latino americana”. Dorr e Gai concebem a “leitura de narrativas como um auxílio na busca de um conhecimento interior, uma vez que a leitura, como uma ação interpretativa, permite também uma autointerpretação. As autoras acreditam que “a ação de interpretar possibilita a ampliação dos conhecimentos sobre o ser humano e, também, sobre a forma de ver o mundo e a si mesmo.”

ALINHAVANDO NÓS: CONSIDERAÇÕES SOBRE O SIMBÓLICO NA ESCRITA FEMININA DO TRAUMA DE GUERRA EM A CASA DAS SETE MULHERES, DE LETÍCIA WIERZCHOWSKI, de **Denise Borille de Abreu**, aponta diversos aspectos da literatura desta escritora, entre os quais o do “trauma gerado nas mulheres pela guerra e da particularidade da escrita feminina do trauma de guerra”. Tendo como alicerce a tríade lacaniana Real-Simbólico-Imaginário (R-S-I), Abreu chega à conclusão de que “Ao valer-se da linguagem para adentrar a dimensão do simbólico, a escrita feminina de guerra adquire um certo caráter libertador.”

Aos autores que disponibilizaram seus textos, propiciando discussões em torno dos estudos literários, agradecemos pela contribuição. Aos leitores, dedicamos esta edição da revista almejando que traga reflexões e promova debates sobre tópicos como a opressão, suas causas e desdobramentos, e, ainda, suas formas de expressão em textos literários.

Rosani Úrsula Ketzner Umbach